



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELD

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL



ANTROPOLOGIA

Nº 69

28. JUNHO, 1978

O SURGIMENTO DE CLASSES SOCIAIS NUMA COMUNIDADE PLANEJADA PARA SER IGUALITÁRIA(*)

Millicent Fleming-Morán (*)

Emílio Federico Morán (**)

RESUMO: Em 1970 o Programa de Integração Nacional decretou que a região amazônica seria integrada aos esforços de desenvolvimento. O programa incluiu a construção de estradas como a Transamazônica e a Cuiabá-Santarém. Ao longo das estradas colonos seriam estabelecidos numa faixa de 10 km a cada lado das estradas. Os colonos seriam providos com assistência técnica, crédito, 100 hectares de terra e serviços escolares e de saúde. Todos os colonos teriam acesso equivalente aos serviços. Mesmo assim, no curto período de três anos, notáveis diferenças têm surgido entre os colonos. As diferenças foram estudadas numa comunidade ao longo da rodovia Transamazônica, no PIC Altamira. O trabalho examina porque alguns tiveram sucesso, onde outros não conseguiram. O estudo examina como o processo de reprodução das classes sociais existente no Brasil rural evoluiu e explica porque apareceu. Os autores sugerem que a experiência previa dos colonos em controle dos fatores de produção agrícola serve para diferenciar aqueles que assumiram o papel do patrão e aqueles que assumem o papel do clientes. As conclusões têm aplicação no processo de seleção de colonos para projetos de colonização dirigida.

(*) — Bolsista na Escola de Administração Pública, Indiana University (USA).

(**) — Professor de Antropologia, Indiana University (USA).

(1) — A pesquisa que fundamentou o presente trabalho foi possível devido a bolsas do "Social Science Research Council" e do "National Institute of Mental Health" (MH 58493-01). Entretanto, as conclusões, opiniões e outras afirmações feitas são de inteira responsabilidade dos autores. Agradecemos profundamente ao "Tropical South America Program" e ao "Center for Latin America Studies" da Universidade da Flórida, pelo apoio oferecido. No Brasil contamos com a ajuda do Museu Emílio Goeldi, SUDAM, NAEA, INCRA, IPEAN e INPA. Agradecemos

Em 1975, o Presidente Emílio G. Médici ordenou o estabelecimento de um Programa de Integração Nacional (PIN), cuja principal meta era integrar os vastos recursos da Bacia Amazônica no desenvolvimento da economia nacional. A execução desse plano dependia da construção da rodovia Transamazônica e, subsequente, do povoamento da "vazia Amazônia". O principal objetivo deste trabalho será ilustrar os planos governamentais para uma "nova sociedade" igualitária, formada por colonos e contrastar isto com a diferenciação de classes que na verdade se desenvolveu, quase que imediatamente. Como será visto, a diferenciação de "status" e o desenvolvimento de liderança local são subseqüentes às formas tradicionais de organização social brasileira. Isto tem implicações importantes para a teoria da mudança cultural e, de modo mais prático, para o planejamento e execução de mudanças na América Latina.⁽²⁾

* * *

Através de um esquema de colonização, a integração da Região Amazônica tem sido ligada ao objetivo de solucionar vários problemas sócio-econômicos de lavradores sem terras, particularmente dos nordestinos vítimas das secas. Este esforço era coordenado pelo INCRA, que é a agência federal de colonização, e que era primariamente responsável pela seleção, transporte e estabelecimento de colonos na Amazônia. O INCRA trabalhava com outras instituições federais, tais como o Banco do Brasil, ACAR (serviço de extensão rural), CIBRAZEM (agência de "marketing" e distribuição), e o Serviço de Saúde Pública (SESP), para prover crédito bancário, assistência técnica, mercados garantidos e programas de saúde aos colonos.

também à Dra. Suely Anderson pela tradução e aos colegas do Museu Goeldi pelo apoio prestado nas duas viagens de pesquisa.

- (2) — Para uma discussão mais completa sobre o projeto de colonização planejada na Transamazônica, consultar Moran (1975) e Kleinpenning (1975).

O primeiro passo envolvia a construção da rodovia Transamazônica e de várias estradas vicinais, dando acesso a um trecho de 20 km, designado como o setor para lavouras pequenas. O trecho foi dividido em lotes de 100 hectares, os quais seriam distribuídos entre os novos colonos. Cem hectares de terra virgem era somente um dos incentivos oferecidos aos colonos. Apesar da posse de terras ser, frequentemente, o principal motivo para a vinda de muitos, outros incentivos eram igualmente importantes. Em primeiro lugar, as terras eram doadas com documentação completa explicitando seus limites e os títulos eram garantidos pelo INCRA. A posse e os títulos permanentes eram assegurados assim que o colono pagasse o preço mínimo de Cr\$ 1.800, 2.400 pelo lote. A agência também oferecia 6 meses de salário mínimo, ou subsídios⁽³⁾ para despesas domésticas, para manter os colonos no local até a ocasião das primeiras safras. Tal ajuda financeira foi oferecida (além do empréstimo a juros baixos do Banco do Brasil (a 7% ao ano) para a produção de lavouras selecionadas.

O governo providenciava sementes testadas de arroz, milho e feijão, cultivos cujo mercado ele garantia aos lavradores. Os lucros obtidos com a venda dessas 3 lavouras eram automaticamente destinados ao pagamento dos empréstimos feitos, assegurando assim o crédito dos colonos. Além da seleção de sementes e da garantia de mercados, foi recrutado um grupo de agrônomos e técnicos agrícolas do Sul, para administrar os programas de agricultura. O pessoal do INCRA ajudou no recrutamento e distribuição dos colonos nos lotes. O pessoal da ACAR serviu como conselheiro

(3) — Em 1971 os colonos recebiam Cr\$ 204,00 mensais além de alimentos, os quais foram mais tarde cortados, com um aumento no salário. O salário mínimo era constantemente ajustado de acordo com a inflação. Em 1974 era de Cr\$ 308,00 durante um período de 8 meses, ao invés de 6, como antes. Todos os salários e alimentos eram distribuídos igualmente, independentemente do tamanho de cada família. Também eram pagos salários pela prestação de serviço em projetos locais, tais como manutenção da rodovia, agrovila e locais públicos.



Fig. 1 — Regiões Culturais do Brasil (Fonte: Morán, 1975. p. 41)

técnico, ajudando os colonos a planejarem seus créditos bancários e realizando serviços sociais nas agrovilas planejadas. (Fig. 2).

A agência de colonização também prometeu a construção de uma casa em cada lote, de escolas para as crianças, além de ajuda médica a baixo custo, suprimentos domésticos, ajuda técnica e transporte de mercadorias das fazendas até os mercados da cidade mais próxima. Para facilitar a prestação desses serviços, foi desenvolvido um esquema modular de comunidades planejadas. Elas deveriam se localizar em intervalos regulares ao longo da rodovia, para oferecerem vários níveis de serviços aos lavradores das proximidades. Foi logo decidido no projeto que povoadamentos nucleares se-

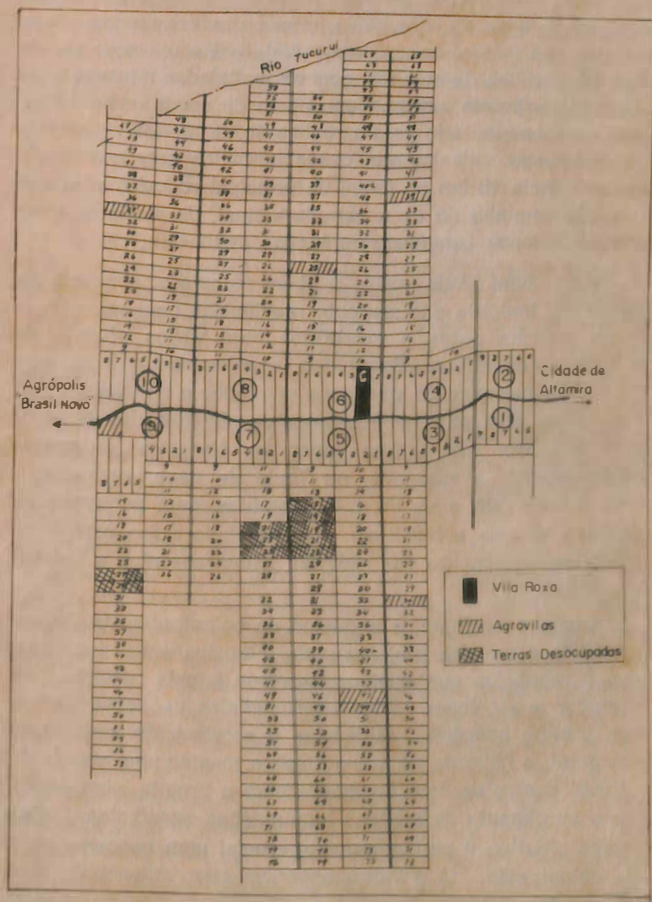


Fig 2 — Croquis de distribuição de lotes na Transamazônica

riam mais apropriados do que propriedades isoladas. Dessa maneira, a agrovila, que era a menor das comunidades planejadas, foi rapidamente desenvolvida como um povoado de 45 a 60 famílias de colonos, com as facilidades mínimas para educação primária, um pequeno posto de saúde e, às vezes, uma área comunitária para a realização de atividades sociais ou religiosas. Idealmente, essas agrovilas estariam localizadas a cada 10 km ao longo da principal rodovia, e na metade do caminho de cada estrada vicinal, de modo a evitar que os colonos caminhassem longas distâncias.

Uma comunidade maior, também planejada, chamada de agrópolis, incluiria não somente residências para os colonos como também casas e escritórios para vários oficiais da agência colonizadora. Escritórios, escolas secundárias, corpo médico permanente, pequenos mercados e armazéns iriam atender as principais necessidades de algumas das 20 agrovilas vizinhas. Em último lugar no esquema de povoamento estaria a rurópolis, ou "polo de desenvolvimento", uma cidade com mais de 1.000 famílias, com pequenas indústrias, motéis e hospitais. Um exemplo disso está localizado no cruzamento das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém.

Como é evidente, o esquema de colonização da Transamazônica é um dos projetos mais intensivamente programados e regulados que qualquer governo jamais realizou. Ao oferecer aos colonos iguais oportunidades de posse de terras, crédito bancário, residências e serviços de assistência em geral, o governo esperava atrair e manter uma população estável dentro da área designada para o projeto, sem permitir o surgimento de grandes inquietações econômicas. Este último objetivo é particularmente crucial num esquema ideal de colonização. O governo esperava que, através da criação e oferecimento de oportunidades iguais para lavradores e colonos, desenvolver-se-ia um "novo Brasil", ou seja, uma sociedade rural igualitária, na Amazônia. Tal meta não só está explicitamente declarada na literatura sobre coloniza-

ção, como também está implícita no controle rígido de coisas, tais como a uniformidade do tamanho e da decoração da residência de cada colono. Os programas foram elaborados para prover igual acesso aos serviços, e o próprio processo de seleção dos colonos tentou minimizar a taxa de erros dentro das novas fronteiras. Por exemplo, foi assumido que a educação, os anos de experiência em agricultura, e o tamanho da família, eram critérios importantes para a seleção. Os critérios de seleção utilizaram diversas variáveis, muitas das quais refletiam o tamanho da família, na esperança de que fosse obtido um mínimo de força de trabalho de 2,5 pessoas por família.⁽⁴⁾ De acordo com o plano, tal força de trabalho evitaria a necessidade de trabalho assalariado. Era dado preferência a pessoas com experiência em agricultura, com idade entre 25 e 45 anos, casados e com famílias que poderiam ajudar nas tarefas agrícolas. Tais famílias alcançavam facilmente o escore mínimo de 500 pontos, necessários para serem selecionados. Famílias com muitas crianças tinham prioridade sobre aquelas com poucas, *ceteris paribus* (Kleinpenning, 1975: 117).

Também foi assumido que a ampla experiência em agricultura seria um requisito primordial. Essa informação era obtida simplesmente perguntando-se aos candidatos quantos anos de experiência individual em agricultura eles tinham, ao invés de se basear num histórico de trabalho que indicasse o tipo de experiência obtida através dos anos. A escolaridade também fazia parte do processo de seleção, mas não dava peso suficiente para selecionar os colonos mais instruídos. Os critérios de seleção, entretanto, não eram rigorosamente aplicados, e nem sempre eram adequados na seleção das pessoas mais capazes. Muitos dos dados seletivos foram conseguidos de maneira inexata e frequentemente continham erros. Por exemplo, notou-se que colonos funcionalmente alfabetizados eram registrados como "analfabetos",

(4) — O governo brasileiro utilizou os seguintes valores na estimativa da força de trabalho disponível: homens adultos — 1.0; mulheres adultas — 0.75; rapazes — 0.50; garotas — 0.35.

simplesmente porque não tinham completado nenhuma educação formal.

O interesse em mudar para a Amazônia foi estimulado através dos meios comuns de comunicação e dos contatos pessoais. Líderes da igreja protestante usaram seus púlpitos para conscientizarem os fiéis das oportunidades de "procurar uma terra prometida". Cartas dos pioneiros aos que ficaram, encorajaram muitos que talvez nunca se aventurariam. Aqueles que queriam se estabelecer na Amazônia tinham que se apresentar em escritórios da agência local de colonização e preencher formulários de aplicação. Vários documentos tinham que ser apresentados por todos os membros adultos da família: carteira de identidade, título de eleitor, carteira de trabalho, atestado de antecedentes e certificado de saúde. Em algumas regiões eles eram submetidos a um exame sobre conhecimento em agricultura, mas isto provou ser mais uma formalidade burocrática do que um meio efetivo de eliminar lavradores inexperientes. Por exemplo, um ex-soldado que nunca havia sido lavrador foi a uma livraria, leu um livro sobre agricultura e fez o exame. Ele foi um dos primeiros selecionados.

Além do mais, o governo incluiu outra meta no projeto, que era a de trazer do Nordeste lavradores sem terras, para as áreas desocupadas da Transamazônica. Isto significa que as cotas selecionadas em algumas regiões do Brasil teriam primazia sobre as outras. Porém, as cotas exatas, regionais, de colonos qualificados, nunca foram claramente publicadas, e na época desta pesquisa (1974) a recente mudança de governo impediu que se solicitasse essa informação aos oficiais precavidos. Deve-se assumir que tais cotas na verdade existiram, como os colonos freqüentemente relatam. Eles dizem que quando um posto do INCRA tinha preenchido sua "cota" numa cidade, os candidatos esperançosos corriam para a cidade vizinha, na expectativa de serem aceitos lá. Às vezes os candidatos a colonos faziam solicitações em grupos, como no caso dos Protestantes Pentecostais, ou em

grandes famílias. Com base nas entrevistas, parece que alguns desses grupos de várias famílias foram aceitos em massa.

O governo tinha previsto a seleção de 75% dos colonos das áreas de "tensão social" no nordeste, e 25% do sul como um "efeito de demonstração" (ver figura 1). Tal atitude tem muitas suposições implícitas, principalmente a da aceitação de estereótipos regionais. Por exemplo, o nordestino é considerado um trabalhador laborioso, mas que tende a ser conservador e caracteristicamente não progressista porque é, na maioria dos casos, analfabeto. O sulista, por outro lado, é considerado igualmente trabalhador, porém mais "progressista", devido à influência européia, urbana, e de nível educacional mais alto. O sulista é descrito como sendo mais inovador, mais moderno, e mais orientado para uma economia de lucro do que para a subsistência. Dessa maneira, os sulistas serviriam como uma influência "modernizadora" para o grupo de colonos ignorantes, que seriam a maioria (Ministério de Agricultura, 1972).

A segunda suposição é a de que "a Amazônia não tem braços" — implica na ausência de cotas para a região norte. Entretanto, a realidade demográfica era bem diferente. Abaixo apresentamos o quadro que mostra as percentagens relativas de colonos e suas áreas de origem (última residência). Esses dados foram obtidos das fichas de cada colono do Projeto Altamira, e foram depois confirmados por uma carta do escritório central do INCRA em Brasília.

TABELA 1
Origem dos colonos no Projeto Altamira (*)

Região Norte	1.054 fam.	36%
Região Nordeste	928 fam.	30%
Região Centro-Oeste	402 fam.	11%
Região Sul	711 fam.	23%
Total	3.095 famílias	100%

(*) Até fins de 1974.

Isto mostra que dois grupos contribuíram de maneira imprevista para a colonização da Transamazônica: a população amazônica local, e os pioneiros do Centro Oeste, uma região fronteiriça que foi aberta há somente alguns anos.

O plano de colonização não previu o contingente acima mencionado de colonizadores amazônicos. Muitos, mas não todos, já moravam na área da rodovia. Viviam como cidadãos do Município de Altamira, ou às margens dos rios, praticando agricultura de subsistência (cf. Wagley, 1952, e Moran, 1974). O administrador do INCRA tinha até entrado em contato com alguns desses lavradores locais, pedindo-lhes que apontassem as áreas de solo fértil, na região do projeto. Entretanto, a comissão de colonização, localizada na distante Brasília, pressionou o administrador local a abandonar a seleção de solos, e a tornar disponíveis todos os lotes, bons ou ruins. Os caboclos⁽⁵⁾ Amazonenses foram geralmente ignorados como modelos de lavradores bem sucedidos, porque os oficiais assumiram que eles eram "preguiçosos", como indicado por seus métodos "primitivos" de caça e agricultura.

Talvez seja aparente que, embora os programas estabelecidos tenham sido bem sucedidos na manutenção de igual acesso aos recursos, o processo de seleção foi cheio de falhas, suposições errôneas, e administrado rápido demais. Foi quase estabelecido que os colonos que chegassem à Transamazônica não seriam iguais em experiência, habilidade ou recursos iniciais. Dados da história de vida e das práticas econômicas atuais foram usados para indicar os tipos de colonos que foram atraídos para o projeto. De uma pesquisa com 100 colonos, e uma amostra menor de 25 famílias de uma agrovila, foi estabelecida a seguinte tipologia de colonos, como sendo lavradores com comportamentos similares, tendendo a ter histórias econômicas semelhantes.

(5) — Caboclo é um termo muito usado no Brasil, referindo-se às pessoas que moram nas zonas rurais, ou que pertencem às classes sociais mais baixas.

Os colonos da Transamazônica podem ser primeiramente divididos em dois grupos principais: os corretores e os clientes. Esta divisão descreve a relação econômica mais básica na região. Os corretores são aquelas pessoas que, através de suas aptidões administrativas, podem gerar seu próprio capital, re-investindo a maior parte em suas empresas. Os clientes são as pessoas que dependem dos corretores ou de instituições externas para prover-lhes um salário que lhes possibilite a sobrevivência. Esse último grupo emprega a maior parte de seus recursos financeiros em bens de consumo, ao invés de investí-los na empresa agrícola. Uma segunda característica é a de que os corretores tendem a ser mais estáveis, geograficamente, do que os clientes. Os corretores possuíam terras em alguma ocasião, ou bens duráveis, tais como caminhões ou máquinas. As suas habilidades administrativas vêm do seu aprendizado de como explorar os recursos de uma área, e como investir maciçamente na utilização desses recursos. Os clientes, por outro lado, são basicamente uma força de trabalho, e eles vão aonde há demanda. A constante mobilidade deles, no entanto, faz com que não tenham condições de desenvolverem a aptidão administrativa necessária para a manutenção de suas próprias empresas comerciais ou agrícolas. Em resumo, fizemos uma distinção entre os colonos que são administradores rurais, e os que são proletários rurais.

Entretanto, esses dois grupos principais são extensos demais para serem úteis numa análise sócio-econômica. Se for feita uma avaliação adequada do desempenho dos lavradores na Transamazônica, deve-se empregar uma tipologia mais exata. Dentro da classe dos corretores, podemos definir dois subgrupos: os empresários e os agricultores auto-suficientes. Os clientes, por sua vez, podem ser divididos em camponeses artesãos e camponeses-dependentes.

A categoria de cliente é, essencialmente, como já foi mencionado, uma força de trabalho proletária. O primeiro grupo dessa categoria, os camponeses-dependentes, tem um passa-

do de meeiro ou peão. São também caracterizados por um alto grau de mobilidade e possuem poucos bens duráveis. Na figura 3 há uma comparação do número de migrações prévias entre os vários tipos de colonos. Esse gráfico sugeriria que os camponeses-dependentes são acostumados a trabalhar para outros, em qualquer região onde sejam requisitados. Passaram muitos anos trabalhando no campo, mas têm pouca experiência em administração de fazenda e freqüentemente falham em progredir economicamente. Tradicionalmente têm estado ligados a patrões, proprietários de terras, por laços simbióticos que lhes garantiam segurança, embora os mantivessem em suas baixas condições econômicas. O patrão era, freqüentemente, ligado às famílias dos colonos através de laços de parentesco fictícios (compadrio), e, nos anos de safra pequena, era obrigado a prover-lhes um mínimo de subsistência. Os proprietários, na verdade, lucravam com esse tipo de relação. Pagavam salários baixos, exigiam trabalho duro, e cobravam altos preços no armazém da fazenda, onde os trabalhadores tinham crédito.⁽⁶⁾ Como estes últimos tinham a tendência de saldar suas dívidas com produtos e de criar uma relação de crédito-débito nos armazéns, adquiriram pouca experiência na administração de seus recursos financeiros. Nelson (1973: 288) mostra que esse tipo de camponeses-dependentes é encontrado menos freqüentemente em áreas de colonização espontânea do que em esquemas dirigidos pelo governo. Esta situação é talvez explicada, em parte, por causa da falta de iniciativa pessoal daqueles que estão acostumados a um ambiente que estimula dependência.

Uma respeitável proporção dos pioneiros da Transamazônica pertencem a tal categoria. Acostumados a serem "meeiros" e/ou assalariados, a administração de 100 hectares de terras trouxe-lhes o status de proprietários, mas nenhuma das habilidades necessárias para atuarem como tal. Eles procuraram crédito bancário para o desenvolvimento de

(6) — Um excelente estudo sobre a situação econômica de uma fazenda nordestina é o de Johnson (1971). Ver também Diégues Junior (1973).

ambiciosas plantações de arroz, milho e feijão, as quais apresentavam sérios problemas agrícolas em ambientes tropicais.⁽⁷⁾ Tais esquemas, freqüentemente, estavam acima da capacidade administrativa desses lavradores, ou das limitações do transporte local. Por exemplo, as áreas desmatadas por eles eram quase sempre muito extensas para serem plantadas utilizando apenas os seus recursos financeiros, os quais geralmente consistiam naquilo que o Banco podia oferecer como empréstimos (Cr\$ 400,00/ha). Como tal crédito quase nunca chegava no "tempo certo", e eles tinham poucas reservas no Banco para se apoiarem, muitos tentavam aumentar seus rendimentos através da execução de trabalhos manuais. Entretanto, como eles não têm as habilidades de um artesão, têm que aceitar salários baixos e, geralmente, dependiam dos corretores ou das agências do governo para obterem emprego. A ênfase desses lavradores em plantar para o mercado, freqüentemente é a causa de sua negligência quanto aos esquemas básicos de subsistência baseados nas hortas ou ou recursos florestais. O baixo capital inicial, e a má administração dos empréstimos bancários, provocaram um débito sempre crescente e a perda de sua solvência no Banco.

O segundo grupo de clientes, os camponeses-artesãos, também se caracteriza por um alto grau de mobilidade (ver figura 3). A principal diferença entre esse grupo e o dos camponeses-dependentes é a de que a experiência urbana dos primeiros possibilitou-lhes a aquisição de habilidades profissionais ou de melhor educação, o que os qualifica para empregos melhor pagos. Embora suas habilidades pudessem ser consideradas como de segunda qualidade na maioria das áreas urbanas, não lhes capacitando a competirem na mesma faixa salarial dos profissionais, são grandemente requisitadas numa área rural em acelerado processo de desenvolvimento. Na Transamazônica, os artesãos procuraram o

(7) — Para uma discussão sobre alguns desses problemas de lavoura, ver Moran (1975: 127-142).

acharam empregos bem pagos nas agências do governo, como carpinteiros, pedreiros, mestre-de-obras e motoristas profissionais. Como os artesãos passaram a depender desses empregos para sua subsistência, ao invés de confiarem na produção de suas lavouras ou em seus talentos administrativos, são considerados clientes.

Os artesãos usaram o projeto de colonização em proveito próprio, e resolveram o problema da deficiência de suas experiências em lavouras empregando outras pessoas para trabalharem para eles. Esta é uma forma de adaptação altamente efetiva, particularmente para os cidadãos de origem urbana que vêm para uma região de floresta tropical. Trabalhando por altos salários, os artesãos podem simplesmente pagar os peões para prepararem suas terras. Sempre que os artesãos estão livres, aproveitam o tempo para aprenderem sobre lavoura agrícola. Com o tempo eles podem, eventualmente, adquirir experiência suficiente para tornarem-se competentes agricultores. Até então, uma quantia mínima de seus rendimentos está sendo investida na aquisição de equipamentos para a lavoura ou animais de granja. Seus hábitos urbanos incluem o consumo de alimentos, roupas e vários objetos de uso doméstico, importados do Centro-Sul os quais, é claro, consomem uma respeitável parcela de seus salários.

Falando agora da categoria dos corretores, dois subgrupos podem ser distinguidos. Primeiro, os agricultores auto-suficientes, um grupo de pessoas com ampla experiência rural que, anteriormente, foram proprietários de pequenos lotes ou capatazes. Diferentemente dos clientes, eles moraram no mesmo lugar a maior parte de suas vidas (ver fig. 3). Os agricultores auto-suficientes da Transamazônica são, de certo modo, como os agricultores-mistos europeus, na ênfase da auto-suficiência. Os colonos plantam uma grande variedade de lavouras, tanto para o uso doméstico como para a venda no mercado.

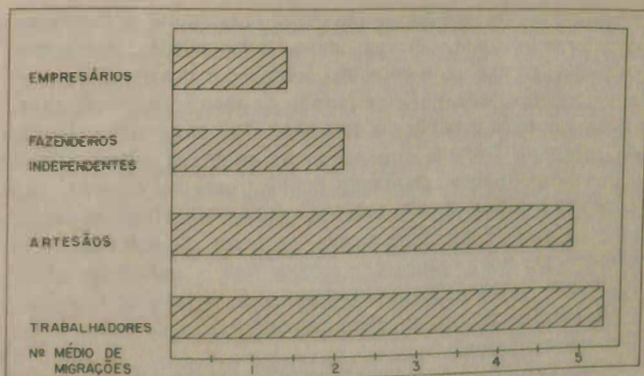


Fig. 3 — Número de migrações prévias entre os quatro tipos de colonos (Fonte: Moran, 1975. p. 91)

Além da produção das três lavouras principais, diversos agricultores auto-suficientes possuem, atualmente, algumas cabeças de gado, e transformam o leite em coalhada e requeijão para serem vendidos. Mas os fazendeiros independentes, como um grupo, também diversificam esses itens de alto valor, produzindo muitos itens de subsistência. Os últimos itens têm sido altamente influenciados pela presença dos caboclos paraenses que são agricultores auto-suficientes. Eles são mais familiarizados com as lavouras e animais domésticos bem adaptados à Amazônia, e que são relativamente baratos, em termos de tempo e custo de produção. Aves domésticas e porcos, por exemplo, alimentam-se facilmente e podem ser rapidamente vendidos em caso de emergência financeira. Mandioca e fumo também são constantemente requisitados pelo mercado local, e estão menos sujeitos a falhas do que os cereais. Enquanto os outros colonos esperam que os seus rendimentos venham de lavouras rentáveis altamente sazonais, os agricultores auto-suficientes têm um rendimento anual constante, proveniente da constan-

te produção de farinha de mandioca para suprir as demandas do mercado local. O fazendeiro independente, em outras palavras, tornou-se o principal fornecedor dos itens de consumo básico, tais como a farinha de mandioca, fumo, ovos, carne de porco, banha e tocinho. Tornou-se o fornecedor de produtos frescos aos pequenos armazéns administrados pelos empresários, vendendo também para os vizinhos. As esposas e filhos de tais colonos também trabalham na produção de excedentes para venda, ao invés de deixarem suas residências para ganharem salário fora. "Indústrias caseiras", tais como as casas do fabrico da farinha de mandioca e da cura do tabaco envolvem a participação de todos, crianças e/ou adultos.

Esses colonos sabem, por experiência, que a combinação de produtos vindos da lavoura e de animais é o modo mais fácil de maximizar a produção de pequenas fazendas, e ao mesmo tempo minimizar o risco de fracasso no caso da falha na produção de algum item. A total utilização dos recursos, tanto domésticos quanto florestais, tem sido aprendida através dos caboclos paraenses para maior garantia da estabilidade econômica dos agricultores auto-suficientes.

Mesmo que eles tenham vindo com pouco capital inicial, estabeleceram um sistema lucrativo de produção. O crédito bancário tem sido usado para adquirir bens líquidos que ajudarão a aumentar os rendimentos da fazenda, tais como a compra de fornos para torrar farinha de mandioca, aquisição de gado, cavalos e moto-serras. Este aumento dos ativos líquidos é um reflexo da visão da fazenda como uma geradora de rendimentos, e da necessidade de boa administração (ver tabela 3).

O segundo grupo de corretores, o dos empresários, tem um número limitado de membros. A cidade de Altamira, que é onde está centralizada a atividade de colonização, está cheia de empresários comerciais, porém poucos fazem parte do setor rural. Qualquer região nova requer várias pessoas para organizarem a população e os recursos, de modo a criar

uma circulação lucrativa de mercadorias, serviços e capital. Os empresários rurais ativos na região, bem como os agricultores auto-suficientes, são caracterizados pela posse anterior de terras ou pela experiência em administrar fazendas e por um baixo grau de migração anterior. Eles diferem dos agricultores auto-suficientes pelo fato de terem tido mais experiência urbana e por trazerem bens capitais comparativamente altos, por ocasião de sua chegada. Enquanto que a maioria de colonos relataram ter muito pouco dinheiro na época da chegada, os empresários vieram com uma média de 3.000 cruzeiros. Essa quantia pequena, mas significativa, permitiu-lhes iniciarem rapidamente os preparos da terra e outras atividades geradoras de capital, sem terem que depender da liberação dos empréstimos providenciados pelo governo. Estabeleceram botequins ou vendas de secos, e adquiriram veículos que geraram maiores fontes de renda.

Além dos botequins e dos veículos, o principal interesse dos empresários tem sido investir no estabelecimento de pastagens e na compra de gado. O fato de terem uma experiência anterior em administração, e de conhecerem as instituições financeiras urbanas facilitou-lhes as operações com Bancos, burocracias e clientes. Da mesma forma que os agricultores auto-suficientes, eles geraram uma grande parte de capital por meio da venda de mercadorias. Enquanto que no caso do primeiro grupo os rendimentos derivam principalmente da venda de produtos agrícola, e fabricados em casa, os empresários obtêm renda por meio de seus botequins, serviços de transporte, venda de gado e outros animais domésticos. Ambos, entretanto, re-investem nessas empresas. Pelo fato dos empresários trabalharem com maiores reservas de capital, podem também adquirir mais trabalhadores, oferecer pequenas quantias de crédito, conseguir maiores empréstimos dos Bancos, e permitir-se a aquisição de mais bens de consumo. Dessa forma, os empresários em contraste com os agricultores auto-suficientes tendem a agir como os clássicos "patrões" do Brasil (Wagley, 1971: 98-103).

TABELA 2

Aspectos diagnósticos da tipologia dos colonos

	Corretores	Clientes		
Proprietários ou Administradores	Sim	Não		
Mobilidade freqüente	Não	Sim		
	Empresários	Agricultores auto- suficientes	Artesãos	Dependentes
Experiência urbana	Sim	Não	Sim	Não
Posse de muitos bens duráveis	Sim	Não	Sim	Não

TABELA 3

Capital, débitos e bens dos colonos de Vila Roxa (*)

Média	Empresários	Agricultores auto-suficientes	Artesãos	Dependentes
Capital inicial	4.000	678	1.700	140
Débito médio ao Banco e ao INCRA	37.740	12.498	6.462	5.247
Média de ativos líquidos	50.500	8.000	370	440

(*) — Em cruzzeiros (1974). Baseado numa amostra de 50% de Vila Roxa.

Através do tempo, o grupo de clientes da Transamazônica tornou-se mais e mais dependente dos corretores, especialmente dos empresários. Há na verdade muitos fatores envolvidos nesse processo. Primeiro, o sistema de crédito implantado pelo governo não funciona tão eficientemente como foi planejado. Os pagamentos são freqüentemente atrasados, o que significa que os lavradores com poucas reservas monetárias não conseguem fazer os plantios e as colheitas nas estações boas para agricultura. Eles têm que emprestar dinheiro, comida e alguma mão-de-obra extra, antes da chegada dos pagamentos do Banco. Em segundo lugar, o Banco do Brasil dá ênfase ao cultivo de 3 lavouras rentáveis, sendo que diversas variedades desses cereais falharam em produzir rendimentos adequados. A falha das safras, a deficiência na precisão do tempo em que são feitas as plantações e as colheitas, e as orientações inadequadas de técnicos em agricultura, que muitos lavradores acham difícil cumprir com suas obrigações financeiras. Seu "status" credial enfraquece gradativamente. A única fonte de crédito, portanto, é o empresário proprietário-de-venda, que pode, ao menos, mantê-los até que obtenham os próximos recursos.

Além disso, algumas vezes o empresário se interessa pela compra de uma safra antes de sua colheita, a um preço baixo, que é sempre melhor do que o preço "garantido" pelo governo. Se o lavrador está sem dinheiro, essa oferta pelo menos lhe possibilita a colheita da safra. Em outros casos, o empresário que possui caminhão transporta os produtos do lavrador ao mercado — um serviço de transporte que as agências federais prometeram, mas que raramente se efetivou para os lavradores localizados nas vicinais distantes da rodovia principal. Por causa das estradas vicinais serem geralmente de má condições e do alto custo do transporte público na região, os lavradores preferem vender suas safras ao empresário que se ofereça para ir buscá-las.

Empresários e agricultores auto-suficientes também oferecem trabalho assalariado quando os outros colonos têm necessidade de dinheiro. Resumindo, enquanto a maio-

ria dos colonos por dificuldades, ajustando-se às condições da lavoura nos trópicos, e os sistemas governamentais falham em oferecer ajuda — os corretores têm-se tornado mais e mais auto-suficientes, começando a servir como fontes locais de crédito e assistência. Eles não só são financeiramente capazes de fazê-lo, como também são muito mais hábeis do que os agentes burocráticos nas negociações com os "clientes". Portanto, eles preenchem a necessidade local de crédito disponível e restrito, mesmo que alguns corretores tenham ficado inicialmente, relutantes em prorrogar o prazo dos empréstimos. Aconteceu, porém, que à medida que os outros colonos ficaram financeira e pessoalmente em débito, houve um notável aumento do prestígio dos empresários dentro da comunidade. Alguns passaram até a ser tratados como "patrão", um sinal de que uma distinção social estava começando a surgir.

Seguindo a discussão a respeito dos tipos de colonos, retornemos agora às relações sociais entre eles. As avenidas existentes nas comunidades planejadas merecerão especial atenção, no que se refere ao desenvolvimento de lideranças locais. A agrovila, que servirá de exemplo, foi uma das primeiras que surgiram e apresenta muitas características que podem ser generalizadas para o resto do projeto. É chamada de Vila Roxa e está situada no meio do caminho entre a tradicional cidade de Altamira e a planejada agrópolis "Brasil Novo" (ver fig. 2). Como mostra a tabela 4, suas 50 famílias vieram de todas as regiões brasileiras, incluindo onze Estados diferentes. Elas moram na região de Altamira desde o começo do projeto, tendo passado pela confusão inicial e estando agora mais estáveis. Os lavradores estão localizados numa área que oferece várias opções econômicas, tais como: lavoura própria, trabalho assalariado na estação experimental do IPEAN,⁽⁸⁾ relações comerciais nos

(8) — O IPEAN (Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuária do Norte) é um dos institutos de pesquisas agrícolas na região norte, administrando diversas estações de pesquisa agrônoma ao longo da Transamazônica. Outros institutos são: INPA, CEPLAC, Centro Nacional de Seringueira, etc.

mercados de Altamira ou "Brasil Novo", e diversas interações econômicas com a população local. (ver tabela 4).

Da mesma maneira que as outras comunidades ao longo da rodovia, Vila Roxa tem casas padronizadas (ver fig. 4), ocupadas pelas famílias dos pioneiros, e tem ajuda médica. Conta com uma escola primária, um salão social, um posto médico, um reservatório de água, um pequeno armazém, o escritório do prefeito e uma "venda" no quarto de frente da casa de um colono. Tem a forma de um "U", com a abertura voltada para a rodovia. Há 3 casas de colonos perto da pista, que foram incluídas na "comunidade" pelo fato de pertencerem a Vila Roxa, havendo proximidade física e social entre essas famílias e as da vila. A população, na época da pesquisa, era de 331 pessoas. Os critérios de seleção usados pelo governo estão refletidos na estrutura da população (ver fig. 5). É uma população jovem: quase 70% das pessoas têm menos de 20 anos, e somente 2,4% tem mais de 50. Famílias extensas foram favorecidas na seleção, e, conseqüentemente, a maioria dos lavradores está concentrada na faixa etária de 40 a 49 anos.

O governo mandou que administradores de fora viessem para estimular o desenvolvimento da comunidade. Junto com os lavradores vieram outros "pioneiros": técnicos agrícolas, burocratas e assistentes sociais. Esses funcionários do governo estão estabelecidos em Altamira ou "Brasil Novo", onde estão concentrados o pessoal e os serviços do governo. Mesmo morando física e socialmente isolados dos lavradores, eles são designados como "líderes oficiais" das várias comunidades. Muito da vida social, e conseqüentemente da liderança que há na comunidade é artificial, porque as atividades são planejadas e impostas pelos estranhos, o que não ocorre quando a própria população as realiza espontaneamente.

Por exemplo, o prefeito de Vila Roxa (e de diversas comunidades vizinhas) é um jovem funcionário do INCRA, que foi nomeado para esse posto pelo próprio INCRA. Ele não é um

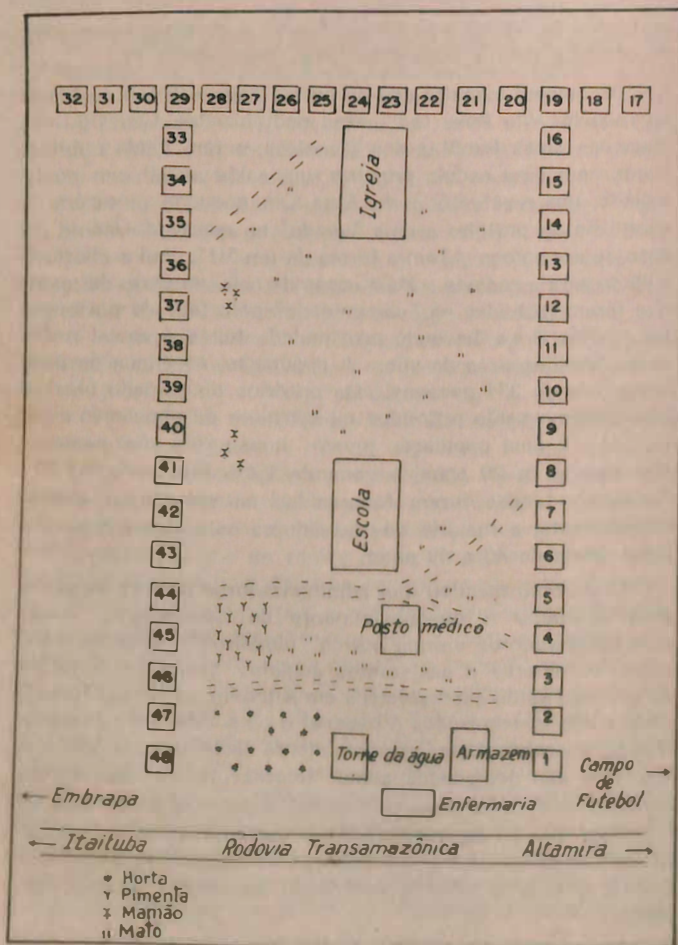


Fig. 4 — Croquis da agrovila "Vila Roxa"

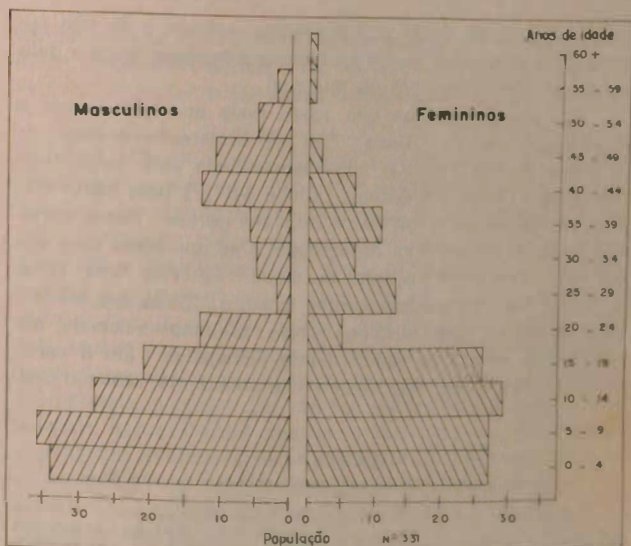


Fig. 5 — Pirâmide de idade e sexo dos residentes de "Vila Roxa" (1974)

colono, e sim um "técnico" que não se responsabiliza tanto pela vida dos membros da comunidade como pela implementação de vários programas do INCRA. Seu escritório, localizado na primeira residência de Vila Roxa, é um centro de distribuição de sementes, ferramentas, e uma fonte de dados sobre os lares locais e a distribuição de lotes. Entretanto, ele não mora na comunidade, e sim a 200 metros estrada abaixo, em outro povoado. Raramente está em seu escritório porque está sempre viajando pelas estradas vicinais verificando o progresso de cada colono. Enquanto ele fica ausente seu escritório é mantido por sua secretária, que é a filha de um colono de Vila Roxa. Embora seja respeitado por sua dili-

gência, o fato de estar quase sempre ausente e de não ter autoridade para resolver os problemas principais fizeram dele mais um líder figurativo do que real.

Há outros técnicos que estão mais envolvidos com a vida social de Vila Roxa. São os assistentes-sociais da ACAR e do INCRA, que são responsáveis pelo estabelecimento do "Clube das Mães", "Clube 4-S",⁽⁹⁾ pelo bem-estar da comunidade e promoção de reuniões gerais. Esses técnicos também moram fora da agrovila, e só aparecem uma vez por mês, para cada encontro do clube. Em Vila Roxa, tanto o "Clube 4-S", para adolescentes, como o "Clube das Mães", para mulheres, são dirigidos pelos assistentes-sociais, durante seus encontros regularmente planejados. Em 3 anos, o "Clube das Mães" não elegeu uma presidente, realizou pou-

TABELA 4
Estado e região de origem dos residentes de Vila Roxa

Região	Estado	Número de Residentes	Porcentagem da população
Nordeste (16)	Bahia	1	2%
	Ceará	2	4%
	Paraíba	1	2%
	Pernambuco	1	2%
	Piauí	1	2%
	Rio Grande do Norte	10	20%
Norte (7)	Maranhão	1	2%
	Pará	6	12%
Centro-Oeste (8)	Minas Gerais	7	14%
	Goiás	1	2%
Sul (19)	Paraná	19	38%
		50	100%

(9) — Os clubes 4-S foram criados com base no modelo dos clubes 4-S dos E.U.A.

cos projetos, e não há outras reuniões além das programadas pelos assistentes-sociais. As mulheres freqüentemente se sentem intimidadas por esses líderes e relutam em opinar.

O Clube 4-S é um pouco mais entusiasta, talvez porque ha pouca diversão para os jovens da agrovila. Já teve vários presidentes, sendo que atualmente é a secretária do prefeito, de quem os assistentes sociais gostam. Os jovens, no entanto, promovem encontros sem a provação dos líderes adultos e ate já organizaram dois times de futebol. Tais atitudes tendem a gerar críticas por parte dos líderes, porque atraem mais a atenção do que os dois projetos agrícolas apoiados pelo clube, e que foram negligenciados. E a jovem presidente e os assistentes-sociais, algumas vezes, repreendem os membros do clube por não tomarem a iniciativa no planejamento das atividades de seu próprio clube! Resumindo, tem havido relativamente pouco desenvolvimento de liderança em ambos os clubes e a participação é fraca. É, talvez, notório que as mulheres e os jovens do Brasil são particularmente relutantes em defenderem suas idéias na presença daqueles considerados seus superiores.

Na esfera das atividades religiosas, a agrovila é ainda mais dividida. Um terço das famílias pertence a 3 seitas protestantes diferentes todas realizando seus encontros em residências particulares. Eles se recusam a utilizar a "Igreja ecumênica", que é um salão de encontros construído pelo governo, só porque os católicos da comunidade se reúnem em tal local. Na verdade, o prédio é geralmente chamado de "Igreja católica", mesma que lá não haja imagens ou qualquer imagem religiosa. Há mais senso de união entre os católicos, mesmo que tênue. Não moram padres na agrovila, e a missa só é celebrada uma vez por mês, quando um padre vem de Altamira. Nos outros domingos os serviços religiosos são dirigidos por um leitor leigo escolhido pelo padre. Entretanto, a participação nas regras é pequena, e o leitor leigo é ineficaz em atrair os fiéis. O catolicismo na zona rural do Brasil é normalmente interpretado como "cato-

licismo folclórico", porque muitas das cerimônias e crenças da Igreja foram adaptadas às necessidades locais. Embora muitas das pessoas que comungam tenham várias tradições diferentes, nenhuma ainda se estabeleceu. Não há santos padroeiros do local, festas religiosas, irmandade ou organizações semelhantes. Além de escolher um leitor e dois ajudantes voluntários, a Igreja não promove nenhuma outra atividade.

Finalmente, tem havido pouca liderança, ou cooperação comunitária, dentro da esfera econômica. No final de 1974, parecia que alguma liderança local surgiria a partir do esforço em formar uma cooperativa dos agricultores. Esse esforço havia sido originalmente estimulado por alguns crentes sunitas, numa agrovila vizinha. Os pentecostais de Vila Roxa mostraram interesse nessa atuação. Como camponeses-dependentes que não alcançavam muito sucesso como colonos, eles sentiram que só podiam ganhar se criassem uma fonte adicional de crédito, e obtivessem máquinas agrícolas e transporte próprios de mercadorias. Entretanto, os corretores eram mais cautelosos. Historicamente suspeita-se de líderes de cooperativa, porque freqüentemente fogem com os fundos do grupo. Neste caso, o governo tomou medidas de precaução, e assumiu a direção das cooperativas. Os técnicos do INCRA se tornaram responsáveis pelas eleições e pela contabilidade. Debaixo de controles tão estritos, os líderes originais perderam o interesse e deixaram a cooperativa ser dominada pelo INCRA.

Um lugar de bate-papos é o pequeno botequim localizado no quarto de frente da casa de um dos colonos de Vila Roxa. O proprietário tem sido, desde o início, um dos empresários mais bem sucedidos. Quando o seu capital acumulou, ele investiu na compra de alguns artigos, conseguiu que pães frescos fossem trazidos de Altamira e deixou sua esposa tomar conta da venda. No começo esse local era conveniente para os residentes da agrovila. Quando eles precisavam de alguns produtos, ou de pão, era muito mais fácil comprar

no botequim do que pagar uma passagem de ônibus até a cidade. Depois de estar um ano no negócio, o empresário novato adquiriu uma geladeira a querosene e encheu-a de refrigerantes e cerveja. Essa nova atração fez do armazém o mais importante centro social da comunidade. Os homens param lá quando vão ao campo, para comprar café e pão. As mulheres costumam passar por lá à tarde, para fofocar. Os empregados e funcionários da estação agrícola vizinha vão lá para conversar antes de irem para casa, e à noite há sempre alguns homens que se reúnem para bater um papo e jogar dominó.

Esse dono do armazém e um outro empresário tiveram o mesmo sucesso financeiro devido às suas atividades comerciais no quarto da frente de suas residências. Em pouco tempo os moradores da comunidade estavam pedindo crédito para compra de alimentos, ou mesmo empréstimos de dinheiro. Começaram recusando-se em estender o crédito, mas em fins de 1974 os empresários ficaram envolvidos em atividades de crédito. Devido às dificuldades financeiras dos lavradores, e ao crescente sucesso dos empresários, estes últimos começaram a fazer pequenos empréstimos. Dessa forma, passaram a assumir o tradicional papel de patrões, com todas as obrigações implícitas. Em Vila Roxa, como em outras cidades rurais, estas atividades os levaram a assumir a liderança das atividades folclóricas-religiosas locais.

Como se observou, a área religiosa este é um dos poucos na vida social da agrovila, que não está sujeito ao controle externo. Os pentecostais se engajaram em tais atividades, mesmo dentro de suas próprias Igrejas, de modo que as atividades tradicionais do catolicismo ainda não se estabeleceram. Dentro da religião católica, as 3 formas mais importantes de interação sócio-religiosa incluem o compadrio, festas de santos padroeiros e irmandades. Mesmo a formação de laços fictícios de parentesco não existe muito na agrovila. Nas vezes em que ocorreram, foram criados entre os migrantes de um mesmo Estado, ou entre os membros de

pequenos grupos de famílias. Os batismos não eram celebrados com festas.

Entretanto, no verão de 1974, duas irmãs de leié, o dono de um botequim, tiveram bebê e fizeram festa de batizado. Os festeiros tinham vindo do Rio Grande do Norte. Depois do batismo das duas crianças, os parentes e padrinhos foram beber cerveja e refrigerantes na "venda" de Nilo, que também é do Rio Grande do Norte. A conta foi paga por leié, que agora está se tornando um dos mais prósperos colonos na região. Na festa, os homens ficavam de pé perto da geladeira enquanto as mulheres ficavam sentadas, bebendo refrigerantes no quarto da frente. Os homens falavam sobre o quanto os batismos eram festivos em suas terras-natal. A conversa logo mudou para o assunto da falta de vida social em Vila Roxa e na Transamazônica de modo geral. Eles entendiam que ninguém estava em condições de gastar dinheiro em festas e bebidas. Embora ninguém na festa admitisse qualquer sucesso econômico durante os últimos 3 anos, todos imaginavam que talvez "outros" residentes locais haviam adquirido suficiente estabilidade financeira para começarem uma festa de santo padroeiro. Embora nem mesmo os empresários pudessem doar uma vaca para ser leiloada em benefício do santo, todos acreditavam que pelo menos haveria galinhas para serem leiloadas, com conseqüente levantamento de fundos para a igreja e para uma boa festa. Tais leilões são, freqüentemente, oportunidades para melhorar o status dos participantes (Harris, 1956: 231-233), e diversas pessoas presentes na festa disseram que pagariam o que fosse necessário para arrematarem seus próprios animais ou outras prendas. "No final das contas não importa o custo" — disseram eles — "desde que o dinheiro ajude a embelezar a igreja para o santo".

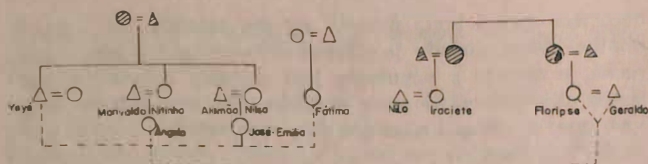
Os santos populares em suas regiões de origem foram considerados como possíveis candidatos a padroeiro de Vila Roxa, mas nenhum dos dias em que são festejados caia numa época conveniente do calendário agrícola. Eles con-

cordaram que a festa deveria ser em outubro, um mês de relativa calma, quando os colonos esperam para queimar suas roças, e quando a população tem dinheiro disponível, pela venda das safras de arroz e feijão. Os instigadores achavam que, desde que essa era uma comunidade agrícola, seria preferível escolher um santo masculino, especialmente um legendariamente conhecido como "trabalhador". Ninguém sabia quem era o padroeiro de Altamira, mas finalmente escolheram São Francisco, uma escolha facilitada pelo fato de já possuírem uma imagem dele na agrovila.⁽¹⁰⁾ Todos saíram da festa do batizado entusiasmados com a perspectiva de uma outra festa, que uniria toda a comunidade católica.

Essa reunião é significativa, na medida que serve para exemplificar a organização social que está surgindo em Vila Roxa. Envolve dois importantes proprietários de vendas locais leie e Nilo, e também dois dos mais bem sucedidos agricultores auto-suficientes, Alemão e Geraldo. Três dessas pessoas possuem mais de 10 cabeças de gado cada uma. leie e Alemão, e Nilo e Geraldo, são parentes por afinidade. A secretária do prefeito, a única pessoa do centro-oeste presente na festa de batizado, foi madrinha da filha do Alemão. Ele é um caboclo paraense empreendedor, que se casou com uma das irmãs de leie. O compadrio estabelecido no batismo serviu então para ligar as pessoas de maiores rendimentos da comunidade aos dois agricultores mais bem sucedidos. O diagrama na página seguinte mostra todas as relações.

Os empresários católicos essencialmente seguem um tradicional padrão elitista quando reforçam suas posições através de laços fictícios de parentesco com pessoas do mesmo nível sócio-econômico (Harris, 1956: 153). Os colonos, por sua vez, não tentaram ainda melhorar seu status

(10) — Um empregado do INCRA, que dirigia a ambulância local e que morava em Vila Roxa sofreu um sério acidente. Ele fez uma promessa de que, se ficasse bom, compraria uma imagem de São Francisco para a igreja. Ele se recuperou e comprou a imagem, mas esta ficou em sua casa porque a igreja de Vila Roxa não podia abrigar adequadamente o santo. O motorista é também do Rio Grande do Norte.



- = relações de padrinhos-afilhados
- $\Delta = \textcircled{\Delta}$ = casais ausentes da Transamazônica
- Ieié = empresário nordestino, proprietário de uma venda na beira da estrada, de algumas cabeças de gado e um veículo. Padrinho de José-Emília
- Nitinha = irmã mais nova de Ieié
- Marivaldo = marido de Nitinha, também nordestino, chefe do escritório da estação experimental de agronomia
- Nilsa = irmã de Ieié, professora
- Alemão = agricultor bem sucedido. Seus pais vieram do nordeste na época da borracha
- Fátima = jovem do centro-oeste, secretária do prefeito; amiga de Nilsa e madrinha de José-Emília
- Iracete = esposa de Nilo, administradora da venda da agrovila
- Nilo = o novo empresário, nordestino
- Floripes = prima de Iracete. As duas vieram juntas para a Transamazônica logo após seus maridos terem se estabelecido
- Geraldo = marido de Floripes, também nordestino, agricultor bem sucedido, com um pequeno rebanho de gado. Ele e sua esposa são padrinhos de Angela, filha de Nitinha e Marivaldo.

através de tais laços com funcionários do governo, que fazem parte da classe social mais alta. Diversos fatores explicam isso. Em primeiro lugar, os colonos têm pouca interação diária com os funcionários. Segundo, os funcionários se recusam a ficarem envolvidos pessoalmente nas vidas dos colonos, e passam pouco tempo na comunidade. No entanto, os colonos que alcançaram algum sucesso estão garantindo suas posições associando-se uns aos outros. Em tempo

oportuno os clientes poderão procurar ajuda e proteção desses patrões, através de laços de parentescos semelhantes aos fictícios.

A situação econômica desse pequeno grupo de corretores fez com que eles se tornassem importantes líderes em diversas atividades sociais. Os dois botequins gerais passaram a ser os lugares de reunião das pessoas da comunidade. Os empresários organizaram a festa do santo padroeiro. Assumiram a responsabilidade das celebrações e organização do pessoal, através das ações intermediárias dos leitores leigos. A celebração foi um sucesso, vindo um Bispo da cidade para rezar a missa. Diversos leilões e danças foram realizados para arrecadar dinheiro para embelezar a igreja. Na verdade foi a primeira festa realizada sem a orientação de um assistente-social, e foi, sem exceções, a festa mais animada que já houve na comunidade.

Alguns dos corretores estão interessados em liderar diversas outras atividades. Ieié tornou-se, sem dúvida, o líder de negócios mais agressivo e bem sucedido da comunidade, e sua influência está concentrada em assuntos econômicos. Seu cunhado, Alemão, tornou-se popular entre os colonos, como transmissor de informações sobre lavouras na região, explicando aos recém-chegados quais são as lavouras mais bem adaptadas ao local. Seu outro cunhado, Marivaldo, devido ao seu emprego na estação agrônômica e sua juventude, tem trabalhado em várias festas do clube 4-S e em projetos de levantamento de dinheiro. Foi através dessas atividades que ele encontrou seus futuros compadres, Floripse e Geraldo. Geraldo, agricultor auto-suficiente bem sucedido, e parente por afinidade de Nilo, é um homem impressionante — que efetivamente apoia o time de futebol 4-S. É também um dos vice-presidentes da cooperativa recentemente organizada, o que o torna bem conhecido por outros lavradores locais. Finalmente, Nilo e sua esposa, em virtude de seus papéis de patrões do botequim da agrovila, aumentaram suas lideranças nas atividades sociais e religiosas da comunidade.

CONCLUSÕES

O presente trabalho examinou o planejamento e execução de um esquema de desenvolvimento rural que promovia a igualdade entre os colonos. Tal plano tinha o objetivo de mudar radicalmente a tradicional relação patrão-cliente, e estabelecer um tipo de "democracia rural", supostamente criada nos E.U.A. no período de ocupação da fronteira do Oeste. Mas o objetivo não foi alcançado. A tradicional divisão de classes sociais foi reproduzida, após apenas 3 anos. Deve-se procurar uma explicação no projeto e em seus administradores, ou na própria natureza das classes sociais?

Os colonos que vieram para a fronteira não tinham a mesma experiência. Alguns só conheciam a vida de meeiro, sob a dependência de um patrão benevolente. Outros, ao contrário, tinham sido proprietários de terras ou de pequenos comércios. A oportunidade é um presente vazio se não houver o conhecimento de como usá-la. Os corretores aproveitaram-se dos programas federais disponíveis, e prosperaram. Os clientes ficaram para trás quanto a obterem lucro de suas fazendas. Em outras palavras, a falta de familiaridade deles para com os fatores de produção não somente colocou-os em desvantagem frente aos outros colonos como, na verdade, colocou-os em débito com seus vizinhos e com o Banco. Uma vez endividados, era natural que procurassem aqueles que ofereciam proteção, crédito e salários, em tempos de necessidade. Assim fica reconstruído o padrão de classes sociais.

A resposta à nossa pergunta — o padrão de classes sociais atua como uma ajuda ou obstáculo à mudança social? — não é fácil. As relações sociais no Brasil são configuradas por laços recíprocos entre as pessoas. A sociedade e a família brasileira apoiam-se em obrigações mútuas criadas pelas interações sociais, prestações de favores (jeitos), e uma extensa rede de parentesco e compadrio (panelinha). Se esses mecanismos familiares de funcionamento social são

removidos os indivíduos ficam desorientados. É difícil evoluir quando se está perdido. A tentativa de criar uma sociedade rural igualitária na Amazônia não levou em conta algumas dessas considerações básicas. Os administradores da colonização na Transamazônica eram, *de jure*, os novos patrões, embora tenham se recusado a se envolver pessoalmente nas vidas dos colonos — sendo urbanos, não reconheceram os colonos como clientes. O resultado foi a confusão e a desorientação. Em tal situação, não é surpreendente que os colonos tenham tomado tantas decisões administrativas erradas. Os empresários, por outro lado, tinham a vantagem imediata de dispor de um capital inicial, o que lhes permitiu a criação de outros projetos lucrativos. Enquanto os administradores do governo mantiveram uma distância social dos colonos, os corretores expandiram suas operações, alcançaram um certo grau de sucesso, e eram considerados como patrões pelos colonos menos afortunados.

Talvez, se os administradores tivessem assumido seus papéis de patrões personalistas, houvesse mais sucesso na produção e economia agrícolas; mas isto pode ser um engano. Uma tentativa semelhante de reforma agrária em Tanzânia acabou na reconsolidação das estruturas tradicionais de poder dentro de 10 anos (van Hekken & van Velzen, 1972). Na Transamazônica, a reprodução das classes sociais aconteceu em 3 anos. Mas as estruturas de poder são novas. Os novos patrões são antigos minifundistas, pequenos negociantes e capatazes de fazendas. Um pequeno grupo tem se movido socialmente, e há melhores salários para todos — um resultado da escassez de braços na fronteira. A classe tradicional de proprietários não sofreu muitas modificações, devido à política governamental de distribuição de terras. As classes sociais foram recriadas, embora seus membros tenham sido levemente mudados. Elas funcionam como uma ajuda para as pessoas se orientarem quanto às suas posições e às estratégias que permitem a ascensão, dada a oportunidade. A Transamazônica ofereceu oportunidade àqueles que eram capazes de conseguir resultados eco

nômicos rápidos, e de assumir os papéis de líderes locais. Para o resto da população a oportunidade foi um presente vazio, e eles permaneceram numa posição dependente. Para eles, as classes sociais tradicionais ofereciam uma solução a curto prazo: em casos de endividamento, recorre-se a um patrão. Talvez devêssemos considerar tal escolha como resultado de uma falta de perspectiva. Mas é um mecanismo tradicional e funcional das classes mais baixas. Embora a recusa em continuar essa estratégia possa resultar em independência pessoal e, talvez até em prosperidade econômica, é um risco difícil de ser assumido quando a sobrevivência das pessoas está em jogo. A estrutura de classes sociais no Brasil oferece uma estratégia conservativa de sobrevivência para as classes baixas, mas não para rápida mobilidade social individual.

SUMMARY

This study looks at the emergence of social classes in a community located along the Transamazon Highway. Beginning in 1970 the Brazilian government, through its Program of National Integration, began a massive thrust to occupy and begin exploitation of its Amazonian territory. Part of the program included the construction of highways to link the area both in an east-west direction, and north-south (i.e. the Cuiaba-Santarem). These roads would be lined by a belt of small farms each consisting of 100 hectares, and provided with equal access to credit, technical assistance, and a variety of services. Despite such equal starting points, within a relatively short period of time (i.e. three years) some of the colonists began to surpass others in farming success. This has led to the reproduction of the traditional social stratification present elsewhere in Brazil — rather than to the emergence of a different pattern or to egalitarianism. This paper explores how the process came about and offers an explanation for the recreation of social classes. The authors argue that previous experience with

managing the factors of production accounts for the rise of a patron-class and lack thereof for the assumption by colonists of client status.

BIBLIOGRAFIA CITADA

DIEGUES JUNIOR, MANUEL

- 1973 — "Populações Rurais Brasileiras". In: *Vida Rural e Mudança Social*. Tamas Szmezsanyi and O. Quêda eds. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

HARRIS, MARVIN

- 1956 — *Town and Country in Brazil*. New York: Norton.

JOHNSON, ALLEN

- 1971 — *Sharecroppers of the Sertao: Economics and Dependence on a Brazilian Plantation*. Stanford, CA: Stanford University Press.

KLEINPENNING, J. M. G.

- 1975 — *The Integration and Colonization of the Brazilian Portion of the Amazon Basin*. Nijmegen, Holland: Institute of Geography and Planning.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 1972 — *Altamira 1*. Brasília, D. F.: INCRA.

MORAN, EMÍLIO F.

- 1974 — "The Adaptive System of the Amazon Caboclo". In: *Man in the Amazon*. Charles Wagley, Ed. Gainesville, FLA: University of Florida Press.
- 1975 — *Pioneer Farmers of the Transamazon Highway: Adaptation and Agricultural Production in the Lowland Tropics*. Ph. D. dissertation: University of Florida.

NELSON, MICHAEL

- 1973 — *The Development of Tropical Lands: Policy Issues in Latin America*. Baltimore, Md.: Johns Hopkins Univ.

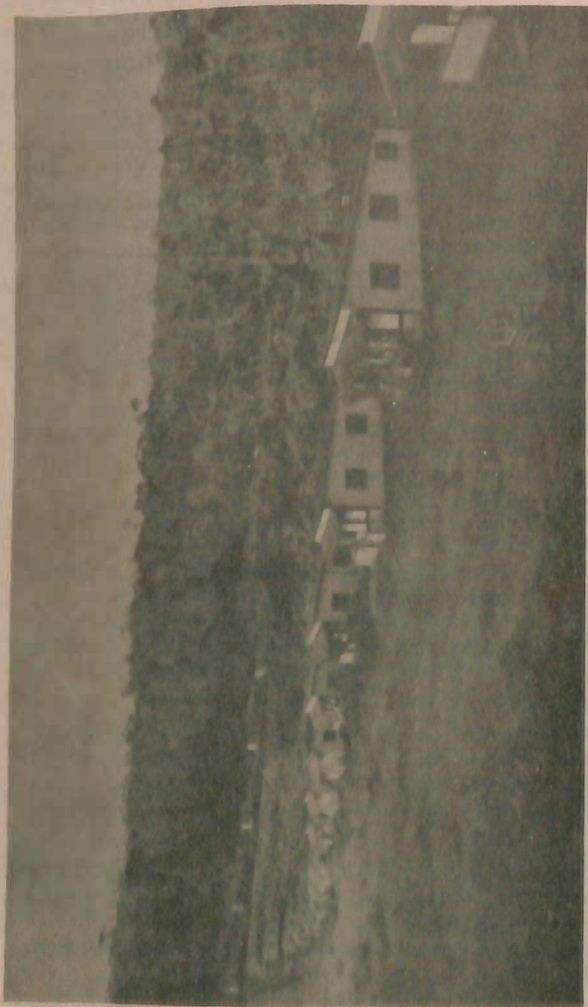
VAN HEKKEN, P. M. & VAN VELZEN, H. V. E. THODEU

- 1972 — *Land Scarcity and Rural Inequality in Tanzania*. The Hague: Mouton.

WAGLEY, CHARLES

- 1952 — "The Folk Culture of the Brazilian Amazon." *Proceedings of the XXIX Congress of Americanists*. Chicago: Univ. of Chicago Press.
- 1971 — *An Introduction to Brazil*. New York: Columbia Univ. Press.

(Aceito para publicação em 19/01/78)



Est. 1 — Visão parcial da agrovila "Vila Roxa"



Est. 2: a — Foto familiar de colono-empresário. Mesmo que não seja típico possuir famílias tão extensas na Transamazônica, este colono conseguiu progredir bastante em pouco tempo (Foto: M. Fleming-Morán); b — Caboclo paraense colhendo arroz em seu lote na Transamazônica. "Alemão" é o tipo característico de agricultor auto-suficiente (Foto: E. Morán).



GRÁFICA FALANGOLA EDITORA LTDA.

Rua Santo Antonio, 429

Belém - Pará